



OVERVIEW

O QUE QUER A INFORMAÇÃO? / WHAT DOES INFORMATION WANT?

/// A informação quer ser interpretada ou decodificada?

Lida e admirada? Não. Quer é conhecer-nos.

/// Does information want to be interpreted or decoded?

Read or admired? No. It wants to get to know us.



por/by
**SANDRO
MENDONÇA**

ISCTE Business School
e/and Cytod (Programa
Ibero-Americano da
Ciência e Tecnologia
para o Desenvolvimento /
Ibero-American Programme
for Science, Technology
and Development)

Há um envelope que nos envolve. Um contentor que nos contém. Uma infraestrutura que nos influencia. Quer estejamos em espaços abertos como num verde campo ou em habitáculos como os de um avião rodeado de azul. Seja por ondas de rádio ou impulsos pelos fios. Seja um enxame de mensagens, seja um éter de dados. É a informação, que ciranda, circula, circunda, curto-circuita. E o que quer essa informação de nós? Sim, sejamos ventríloquos por um momento. Personifiquemos e animemos esse conceito. Tendo corpo físico e dimensão virtual, a informação é objeto e ator, é literal e figurativa, é coisa e companhia.

Que busca, então, essa informação? Que necessidades tem essa coisa impressa em folhas de papel ou em cartazes em duras paredes de tijolo? Que desejos têm esses símbolos abstratos e signos imateriais? Que preferências tem quando eletrónica num smartphone ou plasmada em ecrãs de aeroporto? Que objetivos tem quando nos segue quando compramos um livro numa loja na internet ou quando damos o cartão ao funcionário da caixa de um supermercado?

Será que os textos querem ser lidos e interpretados? Será que as imagens querem ser decodificadas e admiradas? Não. O que a informação quer é: conhecer-nos.

A informação hoje é algorítmica e automobilizada. Deteta e desperta a atenção. Vai ter com o observador. Interpela o leitor. Pratica a interação. Aumenta a compreensão que tem de nós. Capitaliza a sua bagagem de memória sobre o nosso percurso e tenta exercícios de probabilidade sobre os nossos passos seguintes. É uma mistura de cão doméstico sempre embrenhado nas nossas pernas quando sentados no sofá com um selvagem lobo sentindo o cheiro da presa quando à solta no seu elemento.

Numa sociedade de quase ubíqua vigilância, há dois livros acabados de sair que nos põem a pensar nestas questões. O primeiro é *Society & The Internet*, publicado pela Oxford University Press. Um conjunto de autores transatlânticos escrevem sobre o mundo digital e sobre como as redes transformam as nossas vidas. O outro é *Defending Democracy*, publicado pela Nordicom, o grupo de estudos sobre média dos países escandinavos. Aqui se fala sobre diversidades locais e globais na comunicação social e sobre jornalismo.

Uma conclusão é que os humanos são ainda seres analógicos que devem moldar esta espiral informacional que os molda. Outra conclusão é que uma das tarefas mais importantes hoje em dia é reportar sobre as origens e os caminhos das máquinas de dados, é investigar os usos e os abusos da informação.

A informação tornou-se omnipresente. O desafio hoje é não permitir que seja totalizante. ☞

There is an envelope that envelops us. A container that contains us. An infrastructure that influences us. Whether we're in open spaces, like a green field, or in compartments like those of a plane surrounded by blue; whether by radio waves or impulses via wires: whether a swarm of messages, or an ether of data. It is information that sieves, circulates, surrounds, short-circuits.

And what does that information want from us? Yes, let's be ventriloquists for a moment. Let's personify and animate that concept. Boasting a physical and virtual dimension, information is an object and actor; it is literal and figurative; it is thing and company.

So, what does that information seek? What needs does that thing printed on sheets of paper or on posters on hard brick walls have? What wishes do those abstract symbols and immaterial signs have? What preferences does it have when electronic on a smartphone or plasmatic on airport screens? What are its objectives when it follows us when we buy a book in an internet shop or when we give our card to the member of staff at a supermarket checkout?

Do the texts want to be read and interpreted? Do the images want to be decoded and admired? No. Information wants to get to know us.

Today's information is algorithmic and automobilised. It detects and arouses attention. It meets the observer. It challenges the reader. It interacts. It increases its understanding of us. It capitalizes its memory of what we have done and attempts probability exercises about our next moves. It is a combination of pet dog always around our legs when we sit on the sofa and a wild wolf sensing the scent of its prey when free in its element.

In a society of near ubiquitous surveillance, there are two recently-released books that make us think about these issues. The first is *Society and the Internet*, published by Oxford University Press. A group of transatlantic authors write about the digital world and how networks change our lives. The other is *Defending Democracy*, published by Nordicom, the group of studies about media in Scandinavian countries. This talks about local and global diversities in social communication and journalism.

One conclusion is that humans are still analogical beings that should mould this information spiral that moulds them. Another conclusion is that, nowadays, one of the most important tasks is reporting about the origins and paths of data machines, investigating the use and abuse of information.

Information has become omnipresent. Today's challenge is not letting it be all-encompassing. ☞